

O GÊNERO DISCURSIVO ARTIGO DE OPINIÃO: DA TEORIA À PRÁTICA EM SALA DE AULA

THE DISCURSIVE GENRE OPINION ARTICLE: FROM THEORY TO PRACTICE IN THE CLASSROOM

Ricardo Santos David **1**
Renato Santos David **2**

Pós-Doutor em Educação: Formação de Professores, Psicanálise e Psicologia Educacional, pela FCU - USA. Doutor e Mestre em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias, pela Uniatlântico - Europa e América Latina. **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>.
E-mail: ricardosdavid@hotmail.com

Licenciado em Letras - Línguas Estrangeiras Modernas e língua Materna. Bacharel em Linguística: Ênfase Semiótica, pela Universidade de São Paulo. **2**
E-mail: renatosdavid@hotmail.com

Resumo: Este artigo científico apresenta o desenvolvimento de uma pesquisa-ação abordando uma prática com o gênero discursivo artigo de opinião. O estudo do gênero artigo de opinião considerou como aspecto primordial a funcionalidade e a importância do mesmo no aprimoramento da argumentatividade dos alunos, com o objetivo de proporcionar-lhes melhores condições de leitura e escrita. Para isso, organizou-se uma sequência didática e o seu conteúdo foi implementado em sala. Os procedimentos abrangem atividades de análise dos elementos temáticos, estruturais e linguísticos, e atividades de produção e circulação do gênero de acordo com suas características sócio discursivas.

Palavras-chave: Artigo de Opinião. Sequência Didática. Pesquisa.

Abstract: This article presents the development of an action research approaching a practice with the opinion's article discursive. The study of opinion's article considered as the main feature its use and importance in the improvement of the students' argument, with the objective of providing them with better conditions of reading and writing. In order to do that, a didactic sequence and its contents was organized and developed in the class. The procedures include activities to analyze thematic, structural and linguistic elements as well as activities of production and circulation of this genre according to its social speech characteristics.

Keywords: Opinion's Article. Didactic Sequence. Research.

“Se você está lendo este artigo científico é porque eu consegui. E não foi fácil chegar até aqui. Do processo de seleção e escrita, passando pela aprovação até a conclusão do Pós-Doutorado, foi um longo caminho percorrido. Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo. Hoje, nós não nos reinventamos mais. Com pequenos desafios, nos tornamos pequenos. Aprendi que, quanto mais bravo o Leão, mais gratos temos de ser. Por isso, aprendi a não só respeitar o Leão, mas a admirá-lo e a gostar dele. Que a metáfora é importante, mas errônea: “Não devemos matar um leão por dia, mas sim cuidar do nosso”. Porque o dia em que o leão, em nossas vidas morre, começamos a morrer junto com ele. Depois daquele dia, decidi aprender a amar o meu Leão. E o que eram desafios se tornaram oportunidades para crescer, ser mais forte, e “me virar” nesta selva em que vivemos. A capacidade de luta que há em você, precisa de adversidades para revelar-se”.

(Escritor/PhD. Ricardo David)

“Sabe por que a Lua tem format de virgula? É para mostra que nem no Infinito a nossa história tem um ponto final”.

Docente /Pesquisador/ Ricardo David)

Introdução

O estudo sobre gêneros textuais tem suscitado uma renovação na maneira de desenvolver o ensino de Língua Portuguesa. Diferentes experiências didáticas descrevem a transposição de vários gêneros para a sala de aula e a necessidade de aproximar a linguagem presente neles dos conteúdos propostos para as aulas de língua materna, uma vez que isso possibilita ao aluno desenvolver sua capacidade interativa como leitor e autor.

Nessa perspectiva, procura-se cada vez mais dar concretude pedagógica à concepção apresentada por Bakhtin de que os gêneros estão vinculados às diferentes atividades da esfera humana, constituindo-se como mediadores de diversos discursos étnicos, culturais e sociais. Para o autor, sua riqueza e variedade são infinitas, pois a multiplicidade virtual da atividade humana é inesgotável (1997, p. 279). Na medida em que os gêneros estão intimamente ligados às mais variadas mobilizações humanas, cabe à escola protagonizar ações que permitam ao estudante conhecer a especificidade e a finalidade de cada gênero, considerando-se as necessidades enfrentadas no dia-a-dia.

Conforme Bazerman, os gêneros textuais são frames para a ação social, e moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Constituem os lugares familiares para onde nos dirigimos com o intuito de criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros. Os gêneros são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar (2006, p. 23). Assim, promovem a interação e enriquecem a vida do sujeito, tornando-se ambiente concreto para a aprendizagem em Língua Portuguesa, pois permitem ao interlocutor expressar o que já conhece e aproximar-se daquilo que objetiva descobrir. Bronckart afirma que “conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua adequação em relação às características desse contexto social” (2003, p. 48). Como decorrência, pode-se afirmar que a representação de mundo e a possibilidade de interação entre os sujeitos de uma sociedade, ações possíveis pela linguagem, estão intrínsecas na concepção de gênero textual.

Marcuschi referenda essa visão na medida em que assegura que os gêneros são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sen-

tidos. Segundo o autor, quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio discursivo numa cultura, e não um simples modo de produção textual (2005, p.19). Assim, torna-se imprescindível que o aluno conheça as características de cada gênero e as situações comunicativas em que se realizam. Isso lhe permitirá aperfeiçoar a linguagem com a qual já tem afinidade e (re) conhecer outras estratégias que possibilitem uma interação social mais eficiente. Sob essa ótica, Bronckart assevera que *“a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”* (2003, p. 103). Cabe, portanto, à escola um trabalho voltado à leitura e produção de textos na perspectiva dos gêneros textuais.

A produção de artigos científicos é uma atividade frequente no meio acadêmico. Diante desse fato, estudantes que tenham uma concepção clara do que seja artigo científico e quais os tipos, e que conheçam as estruturas desse gênero textual têm maior possibilidade de produzirem mais proveitosamente esse texto do que estudantes que não tenham recebido tais informações. Percebendo as dificuldades que os estudantes enfrentam ao se depararem com a produção desse gênero textual, faz-se necessário especificar o conceito de artigo científico, seu objetivo comunicacional, seus tipos e estrutura composicional, permitindo, assim, que os estudantes tenham melhores condições de produzirem esse texto. Considerando o exposto acima, o objetivo deste trabalho é oferecer subsídios aos estudantes, principalmente, para que eles possam desenvolver e/ou aprimorar sua própria capacidade de produção de artigos científicos; pois se acredita que a explicitude da organização desse gênero auxilia o estudante na sua empreitada ao mundo escrito. Para alcançar tal objetivo, pretende-se fazer uma descrição detalhada desse gênero. Para tanto, primeiramente, ir-se-á fazer a conceituação, caracterização, histórica e classificação do gênero artigo científico; em segundo lugar, far-se-á a descrição da superestrutura dos artigos científicos, ou seja, da construção composicional.

Artigo de Opinião - Explorando um pouco mais sobre o Gênero Discursivo até na prática em sala de aula

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores. Conforme Rodrigues, nesse gênero, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise e a posição do autor (2007, p. 174). O processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista. Bräkling define o artigo de opinião como um gênero discursivo no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Para a autora, é um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações, realizada por meio da apresentação de dados consistentes (2000, p. 226-227). Embora o produtor do artigo se constitua numa autoridade para o que é dito, muitas vezes ele busca outras vozes para a construção de seu ponto de vista. Apoiar-se ainda nas evidências dos fatos que corroboram a validade do que diz. Esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende. De acordo com Perelman, a argumentação objetiva provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento (1988, p. 23). Assim, a interação ocorre a partir do ponto de vista sustentado pelo autor e aceito pelo leitor. Para Pereira e outros, *“a argumentação busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas, a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou a refutar uma dada proposição”* (2006, p. 37). A premissa de que sem conhecimento não se sustenta uma opinião é ratificada por Faraco e Tezza quando afirmam que defender uma opinião pressupõe argumentos ou provas, e construir um bom texto argumentativo é apresentar o outro lado, para melhor fundamentar o próprio lado. Os autores também assinalam que não há argumen-

tos em estado 'puro', ou seja, eles normalmente se dirigem a um interlocutor que já tem suas opiniões. Em vista disso, é necessário levar em consideração essas opiniões, seja para omiti-las, seja para se antecipar uma possível resposta (2001, p.188). No artigo de opinião, portanto, os sujeitos envolvidos na interação aceitam as ideias discutidas pelo autor. O artigo de opinião, conforme Kaufman e Rodríguez, possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados. As autoras mencionam estratégias que podem ser usadas para fundamentar os argumentos: acusações claras aos oponentes, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade ou tomada de distância através das construções impessoais para dar objetividade e consenso à análise desenvolvida, uso de recursos descritivos ou a especificação das diferentes fontes da informação (1995, p. 27).

Todavia, é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião. As características do contexto de produção (enunciador, assunto, finalidade comunicativa) determinam a configuração do artigo de opinião. Normalmente, esse gênero situa-se na seção destinada à emissão de opiniões, e sua publicação tem certa periodicidade (semanal, mensal, quinzenal). O espaço físico que ele ocupa é limitado, normalmente de meia a uma página, dependendo do veículo de publicação. Segundo Antunes, "quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo" (2006, p. 46). Assim, na produção do artigo, o autor pode optar por uma linguagem comum ou cuidada. A primeira emprega um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, com uma sintaxe acessível ao leitor comum. A segunda vale-se de um vocabulário mais preciso e raro, com uma sintaxe mais elaborada que a comum. A escolha por um dos níveis depende do público a que se destina o texto. A fim de manter a coerência temática e a coesão.

O Gênero Artigo Científico: Na produção de Textos

Os textos produzidos em contexto acadêmico, chamados de textos científicos, subdividem-se em muitos gêneros (monografias, dissertações, teses, etc.), e um desses gêneros é o artigo científico. Para Marcantonio (1993), "*Os artigos científicos são resultados de estudos completos de um dado objeto de pesquisa. Não chegam a constituir-se em matéria para dissertações, teses ou livros. Apresentam as pesquisas realizadas e são publicados em revistas ou periódicos especializados*". Complementando o que foi dito acima, Lakatos e Marconi (1991) afirmam que os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro. Os artigos científicos distinguem-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos (monografias, teses, dissertações etc.) pela sua reduzida dimensão e conteúdo. Seu propósito é comunicar os resultados de pesquisas, ideias e debates de uma maneira clara, concisa e fidedigna; servir de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação e levar os resultados do teste de uma hipótese, provar uma teoria (tese, trabalho científico).

Segundo Lakatos e Marconi (1996), o texto científico, neste caso o artigo científico, deve obedecer a algumas regras: "*Os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecem subsídios para outros trabalhos*". Dentro dessa perspectiva, Leibrunder (2002) afirma que os textos de divulgação científica estão fundamentados nas convenções linguísticas próprias ao texto científico, como por exemplo: o emprego de uma linguagem objetiva, concisa e formal; o padrão lexical (nominalizações, vocabulário técnico e emprego de verbos na 3ª pessoa do singular, acrescido da partícula "se" (índice de indeterminação do sujeito), ou na 1ª pessoa do plural (sujeito universal, ocasionando o apagamento do sujeito). Semelhantemente também, os artigos científicos apresentariam essas características. Para Leibrunder, esses índices de impessoalidade são considerados como mecanismos argumentativos, objetivando provar a veracidade e legitimidade do discurso proferido, como

também uma forma de afastamento do “eu” e de neutralidade, resultando em uma espécie de inquestionabilidade do discurso proferido. Porém é falsa essa impressão de neutralidade passada no discurso científico, pois a escolha do tema e a forma como o texto será construído prova a existência de um sujeito do discurso.

Assim, para a construção da discursividade, a subjetividade é um fator extremamente relevante. Benveniste (1991) define subjetividade como a “capacidade do locutor em se propor como sujeito”. Esse se propor como sujeito não significa que o autor do texto o produzirá sem seguir padrões ou regras típicas desse ato, mas que pertence a ele a escolha do tema sobre o qual escreverá, os autores que fundamentarão seu texto, etc. Essa subjetividade será apresentada nos artigos científicos através das modalizações e das citações. As modalizações são as avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Elas contribuem para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e para orientar o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático (Bronckart, 1999). As modalizações são realizadas por unidades ou conjuntos de unidades linguísticas chamadas de modalidades. As modalidades seriam representadas por tempos do verbo no futuro do pretérito, auxiliares de modalizações (poder, querer, ser necessário, ser preciso, dever, etc.), subconjunto de advérbios (certamente, sem dúvida, talvez, etc.), certas frases impessoais (é evidente que..., é possível que...), etc. Já as citações são uma forma “camuflada” de apresentar a subjetividade do autor e garantir a cientificidade de seu texto; pois, num texto científico não se deve, pelo menos superficialmente, ser subjetivo. Assim, as citações seriam um tipo de corroboração ao que é afirmado por aqueles que não têm, ou têm pouca autoridade no assunto sobre o qual escrevem.

Swales (1990) apresenta um breve histórico do artigo científico (AC) nos últimos 300 anos, dando uma visão diacrônica, a fim de provar que, como todos os gêneros vivos, o AC está continuamente se modificando. Segundo Swales, o AC surgiu, na forma embrionária, com o estabelecimento do primeiro periódico científico, “The Philosophical Transactions of the Royal Society”, em 1665. O desenvolvimento do AC se deu a partir das cartas informativas que os cientistas trocavam entre si. Os primeiros ACs tinham a forma da primeira pessoa como nas cartas, e alguns até possuíam saudações. Como o periódico Transactions e as revistas subsequentes começaram a assumir um papel de prover um ambiente regular para discussão, isso fez surgir um novo gênero, distinto da origem dessas cartas, chamado AC. No início, os ACs eram narrativas extensas de experimentos científicos. E a utilização da pessoa (1ª singular/1ª plural) é um resquício daquela origem histórica de relatos pessoais. Conforme Bazerman (citado por Swales, 1990), no final do século XVIII, uma reconfiguração do AC começa a se estabelecer.

Na medida em que os fenômenos começam a ser tratados como mais problemáticos, os artigos passam a tomar uma organização diferente, abrindo com uma introdução aos fenômenos problemáticos, frequentemente substanciada com a história de um experimento que não saiu de acordo com as expectativas. Com o problema estabelecido, o artigo deveria descrever cronologicamente uma série de experimentos almejados para chegar ao fundo do mistério. Transições entre cada dois experimentos poderiam desenhar conclusões do experimento prévio e apontar para a razão ou a necessidade do subsequente. Na continuidade altamente desenvolvida observamos o experimentador chegar gradualmente a uma compreensão adequada do fenômeno, que deveria ser relacionado numa síntese conclusiva ou explanação dos fenômenos como nas investigações de Hewinson sobre a natureza do sangue.

Já os ACs do século XX apresentam algumas diferenças dos ACs do século XVIII. Eis algumas características que diferenciam os ACs anteriores dos de hoje: Extensão dos ACs: De

1893 para 1900, a extensão média dos artigos caiu de 7.000 para 5.000 palavras. Com poucas flutuações, eles continuaram com aproximadamente 5.000 palavras até 1940. Em 1980, a extensão dos ACs cresceu para aproximadamente 10.000 palavras. Atualmente, os ACs se tornaram mais compactos; Referências: Entre 1890-1980, as referências eram de aproximadamente 10 por AC, mas raramente se relacionavam com descobertas específicas ou com os tópicos específicos investigados pelos autores. Em 1910, o número de referências tinha se tornado rigorosamente reduzido, mas as poucas que permaneceram eram todas recentes, tinham datas e relevância direta com a pesquisa em foco. Daí em diante, o número de referências tem se multiplicado; Características sintáticas e lexicais: Não houve muita variação no tamanho das frases, que tinham em média 25 palavras. As sentenças relativas diminuíram em frequência, enquanto que as sentenças nominais e as subordinadas temporal e causal se tornaram mais frequentes. No nível lexical, os conteúdos das sentenças principais se tornaram mais abstratos. Mudanças significantes na função do verbo principal também ocorreram – a voz passiva deu lugar à voz ativa; Material não verbal: Durante o período, houve uma diminuição no número de figuras e no número e tamanho das tabelas. Por outro lado, houve um crescimento no número e na complexidade de gráficos e equações; Organização: Antes de 1950, apenas 50% dos artigos eram formalmente divididos em seções tituladas; depois de 1950, os títulos das seções se tornaram uma característica regular. Desde então, as seções de discussão e conclusão se tornaram mais comuns e cresceram em tamanho e complexidade. Já as seções de método e aparato geralmente diminuíram.

O Artigo de Opinião consiste num gênero discursivo que constrói uma opinião a respeito de uma questão controversa. Bräkling (2000) esclarece que esse gênero objetiva convencer o leitor com relação a uma ideia, de modo a influenciar e transformar seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição e da refutação de possíveis opiniões contrárias. Conforme a autora, esse processo prevê a sustentação das afirmações por meio da apresentação de dados consistentes. Assim, a tipologia textual de base do artigo de opinião é dissertativa.

Esse gênero pode abordar temas atuais de ordem social, econômica, política ou cultural relevantes para os leitores. Segundo Rodrigues (2007), o artigo de opinião prioriza a análise dos acontecimentos sociais em si e a posição do autor.

No artigo de opinião, de acordo com Bräkling (2000), evidenciam-se a dialogicidade e a alteridade no processo de produção: o autor coloca-se no lugar do outro e justifica suas afirmações, a partir de possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitadas pelo leitor.

A finalidade comunicativa do gênero é analisar, avaliar e responder a uma questão por meio da argumentação. Cada parágrafo contém habitualmente um argumento que dá suporte à conclusão geral.

O produtor do artigo usa argumentos com o objetivo de defender uma posição.

a) *Argumento de autoridade*: uso de citação de autores renomados ou de autoridades no assunto, a fim de comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista. Seu emprego torna o discurso mais consistente, pois outras vozes reforçam o que o produtor do texto quer defender. Por exemplo, num artigo de opinião sobre a idade penal, pode-se trazer a voz de um juiz ou promotor.

b) *Argumento de consenso*: utilização de proposições evidentes por si mesmas ou universalmente aceitas como verdade. Exemplo: é consenso afirmar que o Brasil precisa investir na educação, saúde e segurança.

c) *Argumento de provas concretas*: apresentação de fatos, dados estatísticos, exemplos e ilustrações com o objetivo de comprovar a veracidade do que se diz. Exemplifica-se ao abordar o resultado positivo no Brasil com a implantação da Lei Seca, é possível citar os números da redução de acidentes e mortes no trânsito para dar suporte à opinião do autor favorável a essa lei.

d) *Argumento de competência linguística*: emprego da linguagem adequada à situação de interlocução. A escolha dos vocábulos, locuções e formas verbais, entre outros aspectos linguísticos, é essencial para e efetiva interação entre o autor e seu leitor.

O Artigo de Opinião é escrito por um jornalista ou colaborador do jornal, revista ou *site*. Geralmente, o produtor é uma autoridade no assunto abordado ou pessoa reconhecida na

sociedade.

Esse gênero é publicado em jornais e revistas impressas ou *on-line*, em seção destinada à emissão de opiniões. Sua publicação pode ser diária, semanal, quinzenal ou mensal. O texto ocupa um espaço físico limitado, normalmente de meia a uma página, conforme o periódico.

O público-alvo a que o artigo de opinião se destina são pessoas quase sempre com um nível de escolaridade médio ou superior. Na maioria das vezes, o leitor busca esse gênero com o objetivo de encontrar informações e formar uma opinião sobre assuntos controversos.

O artigo de opinião pode estruturar-se em: *situação-problema, discussão e solução-avaliação*.

a) *Situação-problema*: coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto.

b) *Discussão*: expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Segundo Guedes (2002), o texto dissertativo apresenta provas a favor da posição assumida e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Nesta parte, o artigo de opinião vale-se de fatos concretos, dados e exemplos, com o uso de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras, a fim de evitar abstrações.

c) *Solução-avaliação*: evidencia a resposta à questão proposta. Pode haver a reafirmação da posição assumida ou a apreciação do assunto abordado.

O artigo de opinião utiliza uma linguagem acessível ao interlocutor a que se destina. Utiliza a primeira pessoa ou a terceira pessoa do discurso com o propósito de debater o tema. Quanto aos tempos verbais, Bräking (2000) constatou o emprego do presente do indicativo (ou do subjuntivo) para apresentar a questão, os argumentos e os contra-argumentos, e o uso do pretérito para dar uma explicação ou expor dados.

Com o objetivo de manter a coerência temática e a coesão, esse gênero textual pode valer-se de diversos recursos linguísticos, como operadores argumentativos (mas, também, em vista disso, portanto, além disso, inclusive etc.) e dêiticos (este, agora, hoje, neste momento, ultimamente, recentemente, ontem, há alguns dias, antes de, de agora em diante etc.).

Análise: Livro Eletrônico.

¹ Este é um dos temas sobre os quais os jornalistas e leitores habituais mais nos interrogam. O livro vai acabar as editoras vão fechar, é a morte dos autores? Primeiro, os catastrofistas de plantão são em geral mal-informados. Quando surgiu o rádio, dizia-se, nesse mesmo tom, que ninguém mais iria conversar nas famílias. Vindo a televisão, estavam mortos o teatro e o rádio. Chegando a internet, tudo estava acabado, menos o isolamento, a alienação.

² Nada mudou radicalmente dentro desse esquema: Não se deixou de conversar (as pessoas nunca se comunicaram tanto quanto na internet), não se deixou de ir ao teatro (bons espetáculos atraem muita gente), ninguém parou de ir ao cinema (a não ser por medo de sair à noite, pela insegurança que se alastra), enfim, cada novo invento acrescentou, não tirou.

³ Li um diálogo interessante, dirigido por um jornalista, entre Umberto Eco e um roteirista francês, sobre o assunto. Os dois são donos de imensas bibliotecas, de muitas dezenas de milhares de volumes. Portanto, são amantes de livro, vivem com e para o livro.

⁴ Interessantes comentários: o registro escrito, seja em papel, pergaminho, nas antiqüíssimas tabuinhas de argila, é o mais sólido, é permanente. O *e-book*, o livro eletrônico, que tem suas vantagens como todo artefato moderno, tem desvantagens claras de saída. Por exemplo, dependeremos de mais decodificadores, suportes, seja como for: já não conseguimos ver os antigos vídeos de poucos anos atrás, a não ser que ainda tenhamos em casa aquele aparelho já superado onde os enfiar. Logo os CDs serão esquecidos, os DVDs serão antiquados, e teremos de modificar, a cada nova invenção, a nossa biblioteca eletrônica. Sem falar na saúde dos olhos, atacados pelo tipo luminosidade, modo de leitura, do texto na página de um *e-book*.

⁵ Outro assunto que me fascinou liga-se à bela palavra “palimpsesto”. Para quem não sabe, é a escrita sobre outra escrita. Encontram-se, em bibliotecas monumentais como a do Congresso americano, raridades em forma de tabuinhas, argila, pergaminho, couro, e mesmo papel, em que trechos ou palavras foram raspados e outros escritos em seu lugar, ou simples-

mente por cima. Revelados, abrem-nos facetas incríveis da antiga cultura, pessoas, modos de vida. São camadas de civilização, que fascinam exércitos de cuidadores e estudiosos. No *e-book* teremos apenas o releu imediato. Prático, sim: não definitivo nem profundo.

⁶ Naturalmente dirão que sou viciada no livro de papel: direi que, sim, o cheiro de livro, de biblioteca ou de livraria é mágico para quem como eu foi criada nesse meio, ligada a esse instrumento de prazer, informação e crescimento pessoal, de integração no mundo, sem fronteiras de espaço e tempo. Isso pode entediar a novíssima geração, para quem a tela do computador é mais fascinante do que a lombada de um livro: E por que não? Tudo é legítimo e vale a pena, desde que não corrompa nem emburreça nem empobreça demais.

⁷ Eu direi que as duas coisas podem e vão conviver, como rádio e família, televisão e teatro, internet e outros meios de comunicação. Tudo está aí para nos servir, se não formos incompetentes demais. O resto, as discussões sobre o fim do livro e a morte das editoras, quem sabe dos escritores, me parece tolo, material de intermináveis diálogos e discussões vazias, artigos sem fundamento, entrevistas sem grande interesse.

⁸ E se o livro eletrônico vencer, se conseguirmos afinal um meio permanente, que permita ler anos a fio em todos os lugares do mundo, preservar com segurança, e transmitir velhíssimos recados ocultos, vamos continuar lendo, escrevendo, editando. A forma importa pouco: importa o prazer, a comunicação, o estudo, a pesquisa, a aventura através do tempo, do espaço, das culturas e das mentes, que a palavra desperta em quem sabe perceber ali uma janela, que abre de par em par, passando para o outro lado, e se entregando. Então já não rasteja, mas voa. Já não se encolhe, mas se desdobra, e intensamente vive.

LUFT, Lya. Livro eletrônico. Veja São Paulo, ed. 2182, p.26,15 Set. 2010.

O artigo *Livro eletrônico*, de autoria de Lya Luft, questiona se os livros digitais poderão substituir os impressos. Foi publicado na revista semanal *Veja*, e volta-se aos leitores desse periódico.

O artigo de opinião em estudo estrutura-se em *situação-problema, discussão e solução-avaliação*.

Na *situação-problema* (parágrafo 01), a escritora interroga se estamos ou não diante do fim do livro impresso, do fechamento das editoras e da morte dos autores com o surgimento das novas tecnologias. Ela afirma que o tema causa dúvida entre leitores e jornalistas, e cita os posicionamentos equivocados de algumas pessoas sobre o assunto.

Na *discussão* (parágrafos 2-6), Luft constrói sua opinião acerca da questão proposta. Argumenta que nada mudou com advento das novas tecnologias: as pessoas não deixaram de conversar, de ir ao teatro e ao cinema; ao contrário, os novos inventos trouxeram benefícios.

Na sequência, a autora diz que o livro eletrônico tem suas vantagens, como todo produto moderno, e ressalta algumas de suas desvantagens: a dependência de mais decodificadores, a necessidade de substituir constantemente os aparelhos e o prejuízo à saúde dos olhos. Compara também a durabilidade e permanência dos textos escritos em papel e outros materiais com o imediatismo do *e-book*.

Ainda na *discussão*, Luft enfatiza o prazer e a magia do livro impresso, mas destaca que ele pode aborrecer a nova geração, já fascinada pela tela do computador. Diz que tanto o livro impresso quanto o *e-book* são válidos desde que não prejudiquem o ser humano.

Na *solução-avaliação* (parágrafo 7-8), a escrita responde à questão proposta na *situação-problema* (parágrafo 1): afirma que os livros impressos não vão deixar de existir e conviverão com os livros eletrônicos, e as discussões em torno do fim das editoras e dos autores não têm fundamento. Segundo a autora, pouco importa a forma como o livro se apresenta, mas o que tem importância é o seu conteúdo e os benefícios da leitura.

No Artigo de Opinião em estudo, Lya Luft utiliza uma linguagem acessível ao leitor. Emprega a primeira pessoa do discurso para abordar o assunto (*Li um diálogo interessante [...]* – parágrafo 3), o que dá maior credibilidade ao texto.

Quanto aos tempos verbais, predomina no texto o presente e o pretérito perfeito do in-

dicativo. A autora usa o presente ao discutir a questão (*Este é um dos temas [...] – parágrafo 1*), visto ser um assunto atual no momento da publicação do artigo, e vale-se o pretérito perfeito quando se remete ao passado ou estabelece relação entre presente/passado (*Nada mudou radicalmente [...] – parágrafo 2*).

Com intuito de manter a coerência temática e a coesão, a escrita utiliza recursos linguísticos, como operadores argumentativos (*quando, enfim, tanto, quanto, portanto, ainda, e, como, se, então, mas ...*) e dêiticos (*este, isso...*).

Assim, Livro eletrônico é um artigo de opinião na medida em que discute um assunto de interesse dos leitores em geral e responde a uma questão controversa: a possível substituição dos livros impressos pelos eletrônicos. Portanto, sua tipologia textual de base é a dissertativa.

Estudo Linguístico

1. Dialogando sobre o gênero textual.

Você já leu textos em que o autor emite uma opinião a respeito de um assunto? Cite alguns desses gêneros discursivos.

2. Dialogando sobre o autor do texto.

- Quem é o autor do texto? Você já ouviu falar dele?
- Você já leu outros textos desse autor? De que assunto eles tratavam?

3. Com relação ao gênero e a sua estruturação, responda:

- Qual é o gênero textual?
- Qual é o tipo discursivo?
- Qual é o domínio discursivo desse gênero?
- Qual é a sua finalidade/função sócio comunicativa/para que serve/objetivo?
- Quais são as principais características?
- Qual é o público-alvo desse texto?
- Qual é o tema e o assunto do texto?

4. Dialogando sobre o conteúdo do texto.

- Em que veículo de comunicação o artigo de opinião que você lerá a seguir foi publicado?
- Quando foi publicado?
- Quem são os prováveis leitores do texto?
- Você acredita em vida após a morte? Por quê?
- Se sua resposta à questão anterior foi afirmativa, como você imagina que é essa outra vida?
- Com base no título *A vida após a morte*, qual será a opinião do autor acerca do assunto?

Leitura:

A vida após a morte

¹ Muitos cientistas, talvez a maioria, não acreditem em Deus, muito menos na vida após a morte. Os argumentos não são fáceis de contestar. Um professor de matemática me perguntou o que existia de mágico no número 2. “Por que você não acredita que teremos três ou quatro vidas, cada uma num estágio superior?” O que faria sentido, disse ele, seriam os números zero, 1 e infinito. Zero vida seria a morte; uma vida, aquela que temos; e infinitas vidas, justamente a visão hinduísta e espírita.

² Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco, camundongo, besouro e formiga, trilhões de trilhões de vidas após a morte. “Você vai passar a eternidade perguntando: É você, mamãe?”. Até finalmente encontrá-la. Não somos biologicamente tão superiores aos animais como imagináva-

mos 2.000 anos atrás. “É uma arrogância humana”, continuou meu amigo biólogo, “achar que só nós merecemos uma segunda vida.”

³ O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma e que devemos aproveitar ao máximo a que temos. “*Carpe diem*”, ensinava o ator Robin Williams, “*curtam o sexo e o rock and roll*”. Sociólogos e cientistas políticos vão argumentar que o céu é um engenhoso truque das classes religiosas para manter as massas “bem – comportadas e responsáveis”.

⁴ Onde eu quero chegar é que, dependendo de sua resposta a essa questão, seu comportamento em terra será criticamente diferente. Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina. Obviamente, essa questão tem inúmeros ângulos e dimensões mais completas do que este curto ponto de vista, mas existe uma dimensão que poucos discutem o que me preocupa. Eu, pessoalmente, acredito na vida após a morte. Acredito que existem até provas científicas compatíveis com as escrituras religiosas. A genética mostra que você continuará vivo, depois de sua morte, no DNA de seus filhos. Seu DNA poderá ser eterno, ele continuará “vivo” em nossa progênie, nos netos e bisnetos. “Nossa” vida continua; geração após geração, teremos infinitas vidas, como pregam os espíritas e os hindus.

⁵ Mais interessante ainda, seus genes serão lentamente misturados, através do casamento de filhos e netos, com praticamente os de todos os outros seres humanos da Terra. Seremos lentamente todos os irmãos ou parentes, uma grande irmandade, como rezam muitos textos místicos e religiosos. Por isso, precisamos ser mais solidários, fraternos uns com os outros, e perdoar, como pregam todas as religiões. A pessoa que hoje você está ajudando ou perseguindo poderá vir a ser seu bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto.

⁶ Seremos todos um, católicos, anglicanos, protestantes, negros, árabes e judeus, sem guerras religiosas nem conflitos raciais.

É simplesmente uma questão de tempo. Por isso, temos de adotar um estilo de vida “bem-comportado e responsável”, seguindo preceitos éticos e morais úteis às novas gerações.

⁷ Não há dúvida de que precisamos curtir mais o dia a dia, mas nunca à custa de nossos filhos, deixando um planeta poluído, cheio de dívidas públicas e previdenciárias para eles pagarem. Estamos deixando um mundo pior para nós mesmos, são nossos genes que viverão nesse futuro. Inferno nessa concepção é deixar filhos drogados, sem valores morais, sem recursos, desempregados, sem uma profissão útil e social. Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração.

⁸ “Estar no céu” significa saber que seus filhos e netos serão bem-sucedidos, que serão dignos de seu sobrenome, que carregarão seus genes com orgulho e veneração. Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais. Assim fica claro qual é um dos principais objetivos na vida: criar filhos sadios educá-los antes que alguém os “eduque” e apoiá-los naquilo que for necessário. Por isso, as mulheres são psicologicamente mais bem resolvidas quanto a seu papel no mundo do que os homens, com exceção das feministas.

⁹ Homens que têm mil outros objetivos nunca se realizam, procurando a imortalidade na academia ou matando-se uns aos outros. Se você pretende ser imortal, cuide bem daqueles que continuarão a carregar seu DNA, com carinho, amor e, principalmente, dedicação.

KANITZ, Stephen. **A vida após a morte**. Veja São Paulo, Ed. 2061, ano 41, n.20, p.18,21 Maio 2008.

Atividades de Interpretação:

1. Do que trata o texto?
2. Qual foi o possível motivo que levou o autor a discutir esse assunto?
3. O autor do texto *A vida após a morte* narra, descreve ou emite uma opinião?
4. Qual é o ponto de vista do autor acerca da existência de vida após a morte?
5. Por que ninguém precisa ter medo da morte na opinião do autor? Você concorda com ele? Por quê?
6. Qual é a postura do autor em relação ao assunto (irônico, crítico, incisivo, indiferente)? Justifique sua resposta.
7. Atende para expressão ***Carpe diem*** (parágrafo 03). Pesquise o significado desse termo

e relacione-o com sentido global do texto.

8. O artigo de opinião estrutura-se em: *situação-problema, discussão e solução-avaliação*. Na *situação-problema*, Stephen Kanitz apresenta a questão a ser abordada no texto. Qual é essa questão?

9. Para discutir a questão tratada no artigo, o autor vale-se de diferentes pontos de vista. Associe cada um dos profissionais à sua respectiva opinião.

(1) Acredita(m) na existência de vida após a morte.

(2) Não acredita(m) na existência de vida após morte.

- () Professor de matemática.
- () Biólogo.
- () Cientista Carl Sagan.
- () Ator Robin Williams.
- () Sociólogos e cientistas políticos.

10. Na *discussão*, o autor constrói sua opinião a respeito da questão examinada.

- a) Qual é a posição por ele defendida acerca da vida após a morte?
- b) Que argumento de provas concretas ele utiliza para comprovar seu ponto de vista?

11. Qual é a consequência advinda da adoção desse ponto de vista?

12. Que motivo leva o autor a afirmar: [...] *precisamos ser mais solidários, fraternos uns com os outros, e perdoar* [...] (parágrafo 05)?

13. Na *solução-avaliação*, Kanitz reafirma a posição assumida e faz uma avaliação do assunto discutido.

a) Qual é a relação do autor em relação às pessoas que não se preocupam com a vida após a morte?

b) Que conselho ele dá àqueles que pretendem ser imortais?

14. Na visão do autor, qual é um dos principais objetivos na vida?

15. Kanitz diz que as mulheres são mais bem resolvidas do que os homens quanto ao seu papel no mundo.

a) Qual foi o possível motivo que o levou a declarar isso?

b) Em sua opinião, por que ele exclui as feministas do grupo de mulheres bem resolvidas?

16. Como você interpreta a afirmação: Homens que têm mil outros objetivos nunca se realizam, procurando a imortalidade na academia ou matando-se uns aos outros (parágrafo 09)?

Práticas de análise linguística textual:

1. Aponte no artigo vocábulos que faz parte do campo semântico **morte**.

2. Por que, no texto, aparecem palavras de sentidos opostos, como **vida/morte, céu/Terra e céu/inferno**?

3. Nos parágrafos 3 e 6, o autor utiliza os adjetivos **bem-comportado (as)** e **responsável (is)**. Que sentido pode-se depreender do emprego desses vocábulos em cada uma das situações?

4. O autor vale-se reiteradamente das palavras ética (os) e **morais** no texto. Que relação esses vocábulos estabelecem com o assunto abordado?

5. O motivo que levou o autor a utilizar o recurso das aspas no primeiro parágrafo é mesmo que no oitavo parágrafo? Explique.

6. Que sentido o uso do verbo poder atribui a estas frases?

a) *Seu DNA **poderá** ser eterno, ele continuará “vivo” em nossa progênie, nos netos e bisnetos* (parágrafo 04).

b) *A pessoa que hoje você está ajudando ou perseguindo **poderá** vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto* (parágrafo 05).

7. Agora, compare o excerto anterior com esta parte do artigo de opinião.

Obviamente, essa questão tem inúmeros ângulos e dimensões mais completas do que este curto ponto de vista, **mas** existe uma dimensão que poucos discutem o que me preocupa (parágrafo 04).

a) O operador argumentativo, mas estabelece a mesma relação de sentido em ambos os trechos? Explique

b) Substitua o operador, mas por outra palavra de modo a manter o mesmo sentido.

8. Leia com atenção o trecho que segue e resolva as questões propostas.

Se você pretende ser imortal, cuide bem daqueles que continuarão a carregar seu DNA, com carinho, amor e, principalmente, dedicação (parágrafo 9).

a) Qual é o sentido expresso pelo operador argumentativo **SE**?

b) Que palavra poderia substituir esse operador sem alterar o sentido original da frase?

09. Com relação ao gênero e a sua estruturação, responda:

a) Qual é o gênero textual?

b) Qual é o tipo discursivo?

c) Qual é o domínio discursivo desse gênero?

d) Qual é a sua finalidade/função sócio comunicativa/para que serve/objetivo?

e) Quais são as principais características?

f) Qual é o público-alvo desse texto?

g) Qual é o tema e o assunto do texto?

Referências

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: Encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com o artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.p. 221-247.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. HOFFNAGEL, Judit Chambliss e DIONÍSIO, Angela Paiva (Organizadoras). Tradução e Adaptação: HOFFNAGEL, Judit Chambliss. São Paulo: Cortez, 2006.

Benveniste, Émile, 1991, "**Problemas de Linguística Geral I**", 03. ed., Pontes/Editora Universidade Federal de Campinas, Campinas, Brasil.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio discursivo**. Trad. Anna Maria Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 02. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto: Um manual de relação**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

KAUFMAN, Ana Maria e RODRÍGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.

PERELMAN, Ch. **L' empire Rhétorique: Rhétorique et argumentation**. 02. Ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.

MARCANTÔNIO, A. T., Santos, M. M. e Lehfeld, N. A. de S., 1993, **“Elaboração e divulgação do trabalho científico”**, Atlas, São Paulo, Brasil.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO Karim Siebeneicher. Gêneros textuais: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hames. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J.L. BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2007.p.154-183.

SWALES, John M, 1990, **“Genre analysis: English in academic and research settings”**, Cambridge University Press, Cambridge.

Recebido em 10 de fevereiro de 2018.

Aceito em 23 de agosto de 2021.